

SEGUINDO A ESTRADA DOS TIJOLOS AMARELOS: A ANÁLISE FÍLMICA DE UM CLÁSSICO

FOLLOWING THE YELLOW BRICK ROAD: A FILM ANALYSIS OF A CLASSIC

Mariana de Mello Borges¹

RESUMO: Este trabalho visa analisar e discutir o filme *O Mágico de Oz* (1939), em seu título original *The Wizard of Oz*, tomando como objeto de estudo desde as composições visuais, até os enquadramentos e a construção dos personagens da obra. Em nossa reflexão sobre o longa, buscaremos pontuar também o legado da produção, afinal, estamos tratando de uma obra clássica do cinema hollywoodiano que perpassa gerações, encantando e entretendo-as há mais de oitenta anos.

PALAVRAS-CHAVE: Clássicos hollywoodiano; Musical; Cinema.

ABSTRACT: This paper aims to analyze and discuss the film *The Wizard of Oz* (1939), originally titled *The Wizard of Oz*, examining its visual compositions, framing, and character development. In our reflection on the film, we will also seek to highlight the film's legacy. After all, we are dealing with a classic work of Hollywood cinema that has spanned generations, enchanting and entertaining them for over eighty years.

KEYWORDS: Hollywood classics; Musical; Cinema.

INTRODUÇÃO

Quando abrimos um dicionário qualquer e buscamos pelo adjetivo *atemporal*, podemos compreender através de uma simples leitura que o termo refere-se aquilo que não pode ser controlado pelo tempo, aquilo que temos como acrônico. Na prática cotidiana, a atemporalidade pode ser percebida em músicas, ditos populares e até mesmo produções cinematográficas que perpassam gerações. Esse é o caso da obra *O Mágico de Oz* (1939).

O encantamento do espectador frente a uma projeção não é novidade, inclusive desde a primeira exibição de *A Chegada do Trem na Estação* (no original francês *L'Arrivée d'un train en gare de La*

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná na linha de pesquisa Estéticas Contemporâneas, Modernidade e Tecnologia, bacharel em Comunicação Organizacional da UTFPR e Publicidade e Propaganda pela FAE Centro Universitário. E-mail: borgesm@alunos.utfpr.edu.br.

Ciotat, 1895) pelos irmãos Lumière, o cinema vem realizando esse feito. Entretanto, é inegável o avanço dessa linguagem ano a ano. Somente no intervalo de tempo entre o marco do audiovisual em apenas um minuto retratando a chegada de um trem em uma estação francesa e a aterrissagem brusca e inusitada de uma garota do interior americano na Terra de Oz, foram inúmeras aprimorações marcantes e revolucionárias na sétima arte.

Dentre esses feitos podemos citar o desenvolvimento de uma linguagem própria do cinema por David Griffith, o uso - e posterior aprimoramento tão utilizado na obra que iremos analisar - de efeitos especiais por George Méliès e a ascensão daquilo que entendemos hoje como a narrativa clássica hollywoodiana, período de produção e lançamento de *O Mágico de Oz* (1939). Para o pesquisador especializado em cinema, Pedro Butcher (2004), o classicismo hollywoodiano elevou-se a partir dos anos 20, tendo seu o ápice marcado na década de 40, tendo as produções dominadas majoritariamente por romances retratando um casal heterossexual com problemas externos. Complementando ainda o pensamento de Butcher, temos David Bordwell (2005), famoso o historiador em cinema americano, pontuando no cenário onde desenvolveremos nossa análise fílmica que: “O filme hollywoodiano clássico apresenta indivíduos definidos, empenhados em resolver um problema evidente ou atingir objetivos específicos. Nessa sua busca, os personagens entram em conflito com outros personagens ou com circunstâncias externas. A história finaliza com uma vitória ou derrota decisivas, a resolução do problema e a clara consecução ou não consecução dos objetivos.” (BORDWELL, 2005, pp. 278 -279)

1 O MÁGICO DE OZ

Primeiramente precisamos pontuar a dificuldade que tivemos em escrever sobre uma obra tão famosa e tão querida entre as autoras desta produção, afinal, sabemos que a chance de seus pais, seus avôs e seus bisavôs e quem sabe seus filhos, conhecerem esta obra é imensa, entretanto urge a necessidade de colocarmos em poucas palavras uma definição pontual sobre esta produção. O filme *O Mágico de Oz* (título original na língua inglesa: *The Wizard Of Oz*), lançado em 1939 e majoritariamente dirigido por Victor Fleming, é uma adaptação literária do primeiro livro da série escrita por L. Frank Baum com ilustrações de W. W. Denslow, publicado originalmente pela George M. Hill Company em 1900, que retratam a Terra de Oz.

O longa conta a história da Dorothy Gale, uma jovem natural do Kansas que acaba aterrissando com sua casa no mágico e peculiar reino de Oz junto com seu cachorrinho Totó após um furacão. Depois de receber a bênção e a orientação da Bruxa Boa do Norte para procurar o maravilhoso Mágico de Oz na Cidade das Esmeraldas - figura que ajudaria a protagonista a retornar para seu lar -, Dorothy começa a seguir a estrada de tijolos amarelos, conhecendo o Espantalho, o Homem de Lata e o Leão e fugindo da Bruxa Malvada do Oeste no caminho.

Composto por cinco personagens-chave, a produção foi primeiro trabalho da atriz Judy Garland para o cinema, tendo apenas dezesseis anos durante as gravações. Garland dá vida a música mais icônica do musical, *Over The Rainbow*, composta por Harold Arlen com letra de Yip Harburg e já interpretada por inúmeros artistas como Katy Perry, Ella Fitzgerald, Céline Dion, Josh Groban, The Ramones, Frank Sinatra, Israel Kamakawiwo'ole (...)

A longa é dividido em dois momentos que caracterizam os ambientes onde a protagonista se encontra. Essas marcações são bem expressas na coloração propriamente dita na direção de arte do filme, guiando o musical em um aspecto fantástico e gracioso. Outro aspecto bem interessante que será pontuado posteriormente são os personagens que existem no Kansas em seus alters egos na Terra de Oz, superando suas dificuldades ao longo do desenvolvimento da trama. Ademais o filme segue o formato musical, ou seja, sua narrativa se escora em músicas e coreografias. Uma das mais belas caracterizações sobre os musicais é a do crítico de cinema Amir Labaki, que pontua que o gênero é:

Reflexivo por excelência, o musical mexe de maneira singular não apenas com o cinema, mas também com o nosso relacionamento com o mundo à nossa volta. Ele nos expõe ao avesso de uma paráfrase do real, ao limbo encontrado onde o corpo e a voz literalizam à vontade as metáforas impossíveis. (LABAKI; AUGUSTO, 1995, p. 144).

Indicado em seis categorias, incluindo a de Melhor Filme nos Prêmios da Academia, o filme levou o Oscar de Melhor Banda Sonora e Melhor Canção Original e Judy Garland foi premiada especialmente com um Oscar Juvenil em reconhecimento pela sua atuação. Além disso a produção foi indicada para o Festival de Cannes na categoria Palma de Ouro.

1. 1 CARACTERÍSTICAS DOS PERSONAGENS

Antes de tratarmos diretamente das características dos personagens, devemos ter em mente que o

longa traça um paralelo entre a maravilhosa Terra de Oz e a realidade da jovem Dorothy no Kansas, ou seja, os personagens principais têm seus correspondentes em ambas realidades, sendo inclusive interpretados pelos mesmos atores. Além disso, por se tratar de uma adaptação literária, a construção dos personagens mudou muito da obra de L. Frank Baum para o que foi apresentado pelo diretor Victor Fleming nas telonas, por exemplo, os sapatos de Dorothy eram originalmente prateados e a Bruxa Má do Oeste possuía um olho só.

Para analisar melhor os personagens, desenvolvemos uma tabela apresentando-os e pontuando algumas de suas principais características e motivações na trama.

Personagem	Ator (a) no longa	Papel no Kansas	Papel em Oz	Motivação	Característica
Dorothy Gale	Judy Garland	Dorothy Gale	Dorothy Gale	Busca retornar para casa.	Heroína, sonhadora e destemida. Quer voltar para casa de seus tios quando em Oz.
Hunk/Espantalho	Ray Bolger	Hunk (colono e trabalhador)	Espantalho	Busca um cérebro.	Espantalho que deseja ter um cérebro, ajuda Dorothy.
Hickory/Homem de Lata	Jack Haley	Hickory (colono e trabalhador)	Homem de Lata	Busca um coração.	Homem de Lata que deseja ter um coração, ajuda Dorothy.
Zeke/Leão	Bert Lahr	Zeke (colono e trabalhador)	Leão	Busca coragem.	Leão que deseja ter coragem, ajuda Dorothy.
Professor Marvel/Mágico de Oz	Frank Morgan	Professor Marvel	Mágico de Oz	Fazer com que Dorothy e seus amigos percebam em si suas capacidades.	Governante de Oz, farsante.
Glinda, Bruxa Boa do Norte	Billie Burke	-	Glinda, Bruxa Boa do Norte	Ajudar Dorothy no começo e no final de sua aventura.	Bruxa Boa de Oz, ajuda Dorothy.
Elmira Gulch/Bruxa Má do Oeste	Margaret Hamilton	Elmira Gulch	Bruxa Má do Oeste	Recuperar os sapatinhos de sua falecida irmã, a Bruxa Má do Leste.	Antagonista da trama.
Tia Emm e Tio Henry	Clara Blandick e Charley Grapewin	Clara Blandick e Charley Grapewin	-	-	Tios de Dorothy, querem o seu bem.

Imagem 1: Características dos personagens de O Mágico de Oz (1939).
Produção própria, 2020.

1.2 DIREÇÃO

Quando assistimos *O Mágico de Oz* (1939) e vemos a assinatura do cineasta norte-americano Victor Fleming como diretor do longa, é impossível não pensar no clássico do cinema hollywoodiano *...E o Vento Levou* (no original inglês *Gone with the Wind*, 1939). Seguindo os padrões apontados por Butcher (2004), o drama histórico produzido por Fleming marca o início das produções filmicas que dominaram a década de 40, cuja a qual foi dominada pelo gênero romântico retratando majoritariamente - como já foi apontado nesta produção - um casal heterossexual com problemas externos.

Portanto, enquanto filmava a aventura de Dorothy pelo maravilhoso Mundo de Oz, Victor Fleming assumiu o projeto de *...E o Vento Levou* (1939), escolha que o consagrou com o Oscar de Melhor Diretor e Melhor Filme pelo longa metragem. É importante ressaltar que no ano de 1940, duas produções do diretor concorriam a categoria de Melhor Filme, algo inédito até então na Academia.

Por conta da produção que contou a história da personagem Scarlett O'Hara em meio a Guerra da Secessão, Fleming acabou abandonando em partes o projeto do *Mágico de Oz* (1939), sendo substituído por outros quatro diretores após o ocorrido. Essa característica dificulta a leitura dos estudiosos da sétima arte sobre a produção, afinal, não há uma característica x ou y que defina a obra pelo trabalho da direção, pois esta foi conjunta. Outro aspecto curioso é que a direção, mesmo tendo passado pelo olhar de excelentes artistas como George Cukor, King Vidor e Richard Thorpe, só é creditada a Victor Fleming.

1.3 FOTOGRAFIA

A produção do longa teve um orçamento considerado surreal para a época - em torno de 2,7 milhões de dólares - e deu-se principalmente pela utilização de câmeras Technicolor de três negativos, para se obter o máximo de cor que a tecnologia permitisse. O projeto quase faliu a Metro-Goldwyn-Mayer Inc. (MGM), empresa responsável pelo longa, pois o lucro de bilheteria não foi imediato como previam, este só começou a trazer retorno com o relançamento da obra em 1949 por insistência dos produtores.

Ao analisar a fotografia de Harold Rosson dentro do *Mágico de Oz* (1939), a cinematografia se

mantém semelhante mesmo com as mudanças de diretor no processo de gravação. Com relação aos enquadramentos, no decorrer do filme há uma predominância de planos americanos para mostrar a expressão corporal e caracterização dos personagens em takes mais longos, o oposto dos plano médio e primeiro plano com cortes rápidos para focar em suas expressões faciais. Os planos gerais são utilizados em introduções de novos cenários, para assim encantar o telespectador com os detalhes, as cores e riqueza de Oz em contraste com o cinzento Kansas.

A câmera faz a apresentação dos locais com movimentos suaves, seguindo o personagem destaque da cena, utilizando também muito a movimentação de travelling nos momentos musicais, porém em momento de diálogos é mais recorrente a câmera estática. Não se tem muita variação no quesito angulação, sendo dominante na linha do horizonte por todo o filme. A iluminação é sempre bem clara na Terra de Oz, tendo um pesado contraste na cena da Floresta mal assombrada e no Castelo da Bruxa, passando a sensação de obscuridade e de maldade da antagonista. Avaliando esse quesito no Kansas, não há mudanças de luz exatamente para trazer a ideia de “mesmice” do local.



Imagem 2 e 3: Plano americano para expressões corporais e caracterização.



Imagem 4 e 5: Plano médio para expressões faciais.



Imagem 6 e 7: Plano geral para introdução de cenários.

Referência das Imagens 2-7: <https://www.gettyimages.pt/fotos/o-magico-de-oz?family=editorial&phrase=o%20magico%20de%20oz&sort=mostpopular>

1. 4 DIREÇÃO DE ARTE

O cinema nos anos 30 estava muito habituado aos tons preto e branco nas telas, e mesmo que já houvessem filmes com cor, o longa com Judy Garland costuma ser o mais lembrado ao mencionar a tecnologia Technicolor - câmeras com três negativos (em RGB, uma pra cada cor), para que as cenas fiquem coloridas e vivas, sendo uma opção de custo bem elevado. Uma curiosidade em uma das cenas mais memoráveis da história do cinema: como no início a trama se passa na cor sépia - sendo uma referência ao livro no qual tudo relacionado ao Kansas possui um tom cinzento, inclusive seus tios - e ao abrir a porta, Dorothy revela a cidade de Oz no lado de fora, não existiam efeitos computadorizados para dispor duas tonalidades simultaneamente, fazendo com que a produção pintasse a parte interna da casa de sépia, e assim a coloração de Oz surpreendesse o espectador.

Mencionando a cidade de Oz, poucos locais presentes no livro foram retirados da obra final de Victor Fleming, focando nas principais cenas e que possuíam elementos mais coloridos para o bom aproveitamento do Technicolor, como à icônica estrada de tijolos amarelos, a qual a direção de arte levou semanas até escolher a tonalidade perfeita, apesar de no livro o trajeto ser na cor verde. Em alguns pontos o cenário fantasioso chega a ser bem artificial, como à Cidade dos Anões exatamente para contrapor à normalidade do Kansas, e mostrar que a protagonista - e o espectador - estão em um local jamais visto.

Infelizmente ocorreram situações incômodas nos bastidores relacionadas à algumas caracterizações de personagens, por exemplo o ator Jack Haley, escalado para o papel do Homem de Lata, não teve ciência que seu antecessor no papel, Buddy Ebsen, foi dispensado da produção após inalar pó de alumínio da maquiagem, algo letal para os pulmões, e acabou perecendo. Outra situação traumática foi com a jovem Judy Garland, com dezesseis anos interpretando uma menina de dez anos de idade, “forçando” os figurinistas à colocarem faixas e esconder os seios da atriz para parecer mais nova, além de à forçarem a fumar cigarros e não comer para emagrecer, causando traumas que a acompanharam até sua morte em 1969.

Apesar das infelicidades dos bastidores, é impossível dizer que os personagens e seus visuais não sejam memoráveis, sendo Adrian responsável pelo figurino e Jack Dawn pela maquiagem do longa. As caracterizações ajudam a compor uma atmosfera mágica para a história, desde à simplicidade dos fazendeiros no Kansas, até os moradores exuberantes na Cidade das Esmeraldas. Não é de se negar que algumas peças se tornaram icônicas no mundo da moda, sendo o principal exemplo Dorothy: o vestido azul, as mangas brancas bufantes e os lendários sapatinhos de rubi - os quais no livro são prateados como mencionado anteriormente.

2. ANÁLISE DA NARRATIVA CINEMATOGRAFICA

Conforme já comentado antes, o filme é baseado na obra literária de L. Frank Baum lançado em 1900, sendo o primeiro livro da série de 14 obras dentro do universo da Terra de Oz. Como de costume entre livro e adaptação, muitas cenas e locais presentes na literatura foram cortadas no roteiro do longa, sendo que no livro é apresentado quase todo o ambiente de Oz e seus moradores, contendo muitas outras situações além das apresentadas no filme: “No filme, nós conhecemos Oz. No livro, nós vamos à Oz”. (PIRES; Cássia, 2014, “O Mágico de Oz”, Cineclube dos Cinco)

Porém, as cenas cortadas não impediram a adaptação de promover a magia e encanto presentes na história, contendo lógica e amarrações em seus acontecimentos, momentos de importância para o autodescobrimento da personagem, cenas musicais encantadoras para maior alegria dos amantes do estilo, e leves mudanças narrativas que não afetam o trajeto do conto.

2.1 INÍCIO

O longa se inicia no interior do Kansas e desde já é possível ver o quão incompreendida Dorothy se sente com seus tios e os funcionários da fazenda, que não dão a ela muita atenção, fazendo com que o relacionamento mais forte da protagonista seja com seu cachorro Totó. Além disso é visível o lado sonhador da personagem durante a icônica interpretação da canção *Over The Rainbow*. A aparição da antagonista da trama, Senhorita Gulch, começa a colocar tensão na obra quando a mesma acusa Totó de tê-la machucado e leva o cachorro embora, mesmo que Dorothy tenha a enfrentado.

Após Totó fugir e voltar para Dorothy, que estava em prantos, a menina não hesita em fugir com seu melhor amigo por impulso, sem pensar em seus parentes. No caminho, conhecem Senhor Marvel, um farsante que diz saber de tudo, no qual a ingênua Dorothy acredita. Após uma “consulta com a bola de cristal”, o homem convence a menina de voltar, a fazendo pensar que sua tia está doente por conta de sua fuga. No caminho de volta, um ciclone se forma causando grande caos no local rural, com os familiares protegidos no porão, Dorothy tenta se proteger dentro de casa e desmaia após ser atingida por uma janela. Ao acordar, percebe que a casa está dentro do ciclone junto com: uma vaca, uma senhora tricotando e a Senhorita Gulch andando em sua bicicleta, se transformando numa Bruxa voando na vassoura, já fornecendo um *spoiler* da sua personagem paralela que logo veremos.

Após curtos momentos de confusão e instabilidade, a casa aterrissa e junto à Totó e sua curiosidade, Dorothy se direciona ao lado de fora e se espanta ao ver o encanto diante de seus olhos. Ela está na Terra de Oz.

2.2 MEIO

Dorothy fica deslumbrada por toda cor e riqueza do local, e assim que conhece Glinda, a Bruxa Boa do Norte, descobre que está na Cidade dos Anões, os quais se esconderam assustados, e da existência de outras bruxas na região, inclusive uma debaixo de sua casa, morta. Os anões enaltecem a menina por ter matado a Bruxa Malvada do Leste, os libertando de sua maldade, porém a aparição repentina da Bruxa Malvada do Oeste quebra o clima alegre e causa pavor - sendo ela muito parecida com a Senhorita Gulch. Glinda informa que a bruxa malvada não pode fazer mal pelos sapatinhos de rubi

poderosos que pertenciam à Bruxa do Leste estarem nos pés da garota, e que Dorothy deveria seguir à estrada de tijolos amarelos em direção à Cidade das Esmeraldas onde vive o Mágico de Oz, o mais poderoso do condado capaz de tudo, pedi-lo para realizar seu desejo de voltar para casa.

No caminho, Dorothy faz amigos que lhe acompanham na jornada para assim como ela, terem seus pedidos realizados pelo Mágico: o Espantalho infeliz no milharal deseja ter um cérebro, no bosque com macieiras falantes o Homem de Lata sonha por um coração e na floresta o Leão almeja por coragem - cada um se assemelha aos funcionários da fazenda do Kansas, causando à Dorothy a sensação de os conhecer. Com o icônico quarteto formado, os amigos passam por dificuldades impostas pela Bruxa Malvada do Oeste tentando os impedir, porém eles as ultrapassam chegam à exuberante Cidade das Esmeraldas, a qual é toda verde e brilhante. Ao se encontrarem com o Poderoso Oz, uma missão lhes é entregue em troca de seus pedidos: matar a Bruxa Malvada do Oeste.

O quarteto se desloca para a Floresta Assombrada, onde fica o Castelo da Bruxa, protegido por muitos guardas e Dorothy e Totó são sequestrados pelos macacos alados da bruxa, os quais deixam os amigos abatidos na floresta, principalmente o Espantalho que teve sua palha retirada do corpo. Enquanto isso, Dorothy é entregue à Bruxa, que ameaça fazer mal à Totó caso a garota não entregue os sapatos de rubi, o que por sorte não ocorre pois o cãozinho foge e volta à floresta. Totó encontra o trio e os leva ao castelo, entram disfarçados e chegam até Dorothy. Como ameaça, a Bruxa tenta queimar o Espantalho e ao tentar ajudá-lo com água, a protagonista acerta a vilã, não sabendo que ela derreteria ao entrar em contato com o elemento, tendo concluído sua missão e libertando os guardas e macacos como bônus.

De volta à Cidade das Esmeraldas, o quarteto pede seu prêmio ao Mágico por terem feito o combinado, porém o poderoso ainda teima em realizá-lo, até que a verdade é revelada e o grande poderoso Oz não passa de um farsante entendedor de mágica amadora de circo que conseguiu convencer o povo de que era poderoso.

2.3 FIM

Decepcionados com a descoberta, o grupo sente que sua viagem foi em vão, aumentando mais a frustração de Dorothy, não sabendo como ir para casa. O Mágico resolve presentear-los mostrando que eles já possuíam o que desejam, e oferecendo uma viagem de balão à protagonista torcendo para que

juntos voltassem ao Kansas, de onde o personagem revelou vir. Porém, em um último instante, Totó foge e Dorothy perde a viagem, mais uma vez ficando presa em Oz.

Para sua alegria, Glinda retorna e revela que a menina poderia ter voltado para casa todo esse tempo, e que a deixou descobrir seu potencial por si só com a aventura. Após se despedir de forma emocionante de seus amigos, Dorothy bate os calcanhares três vezes e repete a frase “Não há lugar como nossa casa”, e entra em transe.

A protagonista acorda do que teria sido um sonho, em sua casa no Kansas, com seus tios preocupados com sua saúde, e seus amigos da fazenda à sua volta felizes por ter acordado bem. Apesar de estar confusa se toda a aventura realmente aconteceu ou não, Dorothy se sente feliz em estar em casa com quem ama

3. LEGADO

Com 81 anos de história dentro da indústria cinematográfica, *O Mágico de Oz* já trouxe muita riqueza cultural e técnica nesse meio, sendo definido por pesquisadores da Universidade de Turim na Itália como o filme mais influente da história, dentre 47.000 longas analisadas. Milhares de obras surgiram como inspirações da história e nesta análise comentaremos duas específicas selecionadas de acordo com nossos gostos.

3.1 THE WIZ

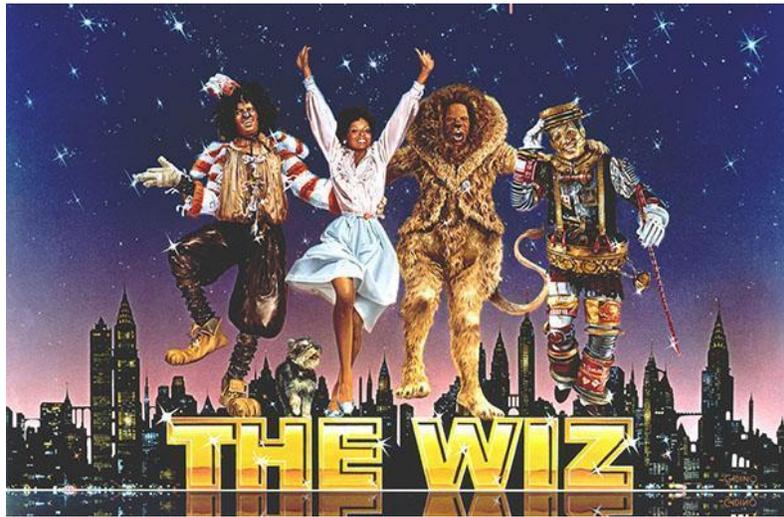


Imagem 8: Capa do filme *The Wiz* (1978) de Sidney Lumet.

Referência: <https://www.rogerebert.com/reviews/the-wiz-1978>

O longa dirigido por Sidney Lumet foi baseado no musical da Broadway estrelado três anos antes, sendo uma recontagem com elementos da cultura afro americana da época, contendo apenas artistas negros no elenco, como Diana Ross (Dorothy), Michael Jackson (Espantalho), Nipsey Russel (Homem de Lata) e Ted Ross (Leão) no filme. A história levemente se altera da qual conhecemos: em Harlem (na cidade de Nova York), Dorothy Gale é uma professora tímida levada para Oz ao tentar resgatar seu cachorro Totó em uma nevasca.

Toda aventura se passa em uma Oz mais urbana, com prédios pichados, locais abandonados e o metrô semelhantes à cidade de Nova York, além da caracterização dos personagens terem um estilo mais moderno. A trilha sonora e história de *O Mágico Inesquecível* (no Brasil) “mesclou gospel, blues, soul e R&B - gêneros que são inequivocamente criações negras - e com narrativas da experiência negra, foi um movimento especialmente ousado devido à paleta monocromática de Hollywood” (KENNEDY, Gerrick D. 2018).

Infelizmente o longa de 1978 não obteve boas críticas ou bilheterias na época, sendo considerado uma imitação pobre de seu antecessor da Broadway, porém o musical foi de grande importância para os negros americanos dos anos 70, contendo uma significativa enaltação da cultura, além de ser lembrada até os dias atuais, como no show da cantora Beyonce no Coachella em 2018, e a performance ao vivo do musical em 2015 em comemoração dos 40 anos da obra: “Para uma geração de negros americanos, esta

foi a primeira vez que viram pessoas que falavam, cantavam e se moviam do jeito que falavam em uma produção da Broadway e, mais tarde, em um musical de tela grande, e isso se tornou uma espécie de rito de passagem para a comunidade negra.” (KENNEDY, Gerrick D. 2018, Los Angeles Time).

3.2 WICKED



Imagem 9: Capa do musical da Broadway Wicked (2003).

Referência: <https://jovempan.com.br/entretenimento/tv-e-cinema/filme-baseado-no-musical-wicked-ganha-data-de-estrea.html>

Essa obra tem a ordem inversa à anterior, pois o famoso musical da Broadway *Wicked: A História Não Contada das Bruxas de Oz* (2003) é baseado no livro de Gregory Maguire de 1995. O autor conta que cresceu assistindo o filme de Judy Garland e passou a se questionar “sobre qual é a origem da maldade e como o conceito de ‘inimigo desumano’ é usado para legitimar violência” (GADELHA, Isabela, 2018), criando como explicação desse pensamento uma amizade improvável entre a Bruxa Boa do Sul, Glinda, e a Bruxa Malvada do Oeste, à qual nomeou Elphaba (uma referência a pronúncia do nome do escritor da obra L. Frank Baum), em uma história contando suas origens antes da passagem de Dorothy nos tijolos amarelos.

Estando em cartaz há mais de 15 anos, o musical se tornou um grande sucesso com críticas positivas, sendo que sua produção original conta com Idina Menzel e Kristin Chenoweth nos papéis principais. O espetáculo já foi premiado com Tonys, Drama Desk Awards e até mesmo um Grammy, possuindo remontagens ao redor do mundo, inclusive passou por países como Alemanha, Japão e Brasil.

Está confirmada uma adaptação cinematográfica da história pela Universal Pictures, sendo que sua data de lançamento já foi adiada diversas vezes e no momento sua previsão é para dezembro de 2021.

A trama possui mensagens profundas sobre a maldade dentro da sociedade e de que forma ela é inserida no ser humano, e Maguire viu uma ótima oportunidade de tratar o assunto em cima da antagonista de Oz, imaginando se sempre houve maldade em sua pessoa ou se tornou Má por conta de seu passado. Com figurinos de alta costura e músicas interpretadas de forma emocionantes, o espectador passa a ter um pouco mais de empatia com a antagonista, que possui sonhos e inseguranças assim como todos: “É um musical que pode ser discutido por horas e agrada tanto os que gostam de ver a mensagem nas entrelinhas, como quem só quer se divertir com os personagens e as músicas.” (GADELHA, Isabela, 2018, medium.com)

CONCLUSÃO

O Mágico de Oz (1939) é um marco na sétima arte, não somente pelo uso de cores nas telonas, pelo orçamento fabuloso ou enredo fantástico, mas também pelos avanços técnicos e pela produção minuciosa do longa. O conto de fadas é considerado e cultuado como um clássico do cinema mundial, sendo um filme tão querido por tantas gerações que a atemporalidade da obra vive e se renova a cada espectador que se encanta com a jovem Dorothy cantando sobre seus sonhos e esperanças durante a canção *Over The Rainbow*.

Porém a grande genialidade da obra se dá justamente nos detalhes do filme, quando percebemos por exemplo que a busca dos personagens principais pelo Mágico, pela coragem, pela inteligência e por um coração era desnecessária. Eles nunca precisaram disso, sempre tiveram em si essas características - no caso de Dorothy, o poder de voltar para casa estava literalmente em seus pés o tempo todo -. Ao mesmo tempo que nos encanta com um mundo fantástico, *O Mágico de Oz* (1939) nos ensina a cada mensagem oculta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BBC. As subversivas mensagens ocultas no clássico filme “O Mágico de Oz”. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-49429787>> Acesso em: ago., 2020.

BORDWELL, David. O Cinema clássico hollywoodiano: normas e princípios narrativos. In RAMOS, Fernão Pessoa (org) - Teoria Contemporânea de cinema Vol II. São Paulo: Senac, 2005.

BUTCHER, Pedro. A reinvenção de Hollywood: cinema americano e produção de subjetividade nas sociedades de controle. Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_03/contemporanea_n03_02_butcher.pdf > Acesso em: ago., 2020.

LABAKI, Amir (Org.). Folha conta 100 anos de cinema. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

SANTOS, Jefferson Jonathan dos; **OZELAME**, Josiele Kaminski Corso. “Desmistificando a literatura infantil: um olhar reflexivo sobre o Mágico de Oz”, Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, 2017. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/cccss/2017/01/literatura.html>>. Acesso em: ago., 2020.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. A chegada do Trem na Estação - Irmãos Lumière. Disponível em: <<http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=18449>>. Acesso em: ago., 2020.

BIOGLIO, Livio, **PENSA**, Ruggero. “Identification of key films and personalities in the history of cinema from a Western perspective”, *Appl Netw Sci* 3, 50 (2018). Disponível em: <<https://appliednetsci.springeropen.com/articles/10.1007/s41109-018-0105-0#citeas>>. Acesso em: set., 2020.

KENNEDY, Gerrick D. “Commentary: On its 40th anniversary, a look at how ‘The Wiz’ forever changed black culture”, Los Angeles Time (2018). Disponível em: <<https://www.latimes.com/entertainment/music/la-et-ms-the-wiz-40-anniversary-20181024-story.html>> Acesso em: set., 2020.

FERREIRA, Rafael. “O Mágico de Oz”, Cinemascope (2015). Disponível em: <<https://cinemascope.com.br/colunas/o-magico-de-oz/>> Acesso em: set., 2020.